



A Croácia e sua participação no Eurovisão: do apelo pacifista ao reconhecimento cultural de uma tradição

Mauro Neves

Resumo: A Croácia, juntamente com a Bósnia-Herzegovina e a Eslovênia, foi um dos primeiros países balcânicos a participar do Festival Eurovisão da Canção (Eurovisão) após a desintegração da Iugoslávia, país este que havia sido o único país do leste europeu a ter tomado parte no certame musical europeu até 1992. A entrada no Eurovisão em 1993 dessas três novas nações balcânicas, oriundas da desintegração iugoslava iniciada em 1991, deu-se em meio à Guerra da Bósnia (1992-1995), e por isso mesmo, representou a introdução de um novo imaginário dos Balcãs dentro desse programa musical de grande audiência e de longa história, de certa maneira procurando aproximar os países nascidos dessa desintegração à comunidade europeia. Após uma breve síntese histórica do Eurovisão como um todo e das participações da Iugoslávia, 27 participações entre 1961 e 1992, passaremos a analisar as 21 participações da Croácia entre 1993 e 2013, discutindo o que estas representaram não só como forma de procurar integrar o país na Europa, como também como forma de tentar criar um novo imaginário sobre o país para os próprios croatas.

Palavras-chave: Eurovisão. Música popular. Imaginário nacional. Integração europeia.

Abstract: **Croatia in the eurovision song contest: from an antiwar message to the recognition of a cultural tradition.** Croatia, together with Bosnia-Herzegovina and Slovenia, was one of the first Balkan countries to join the Eurovision Song Contest (ESC) after the Yugoslavian Wars that lead to the disintegration of Yugoslavia, the only country from East Europe to have taken part at the Festival up to 1992. These three Balkan new nations – originated from the Yugoslavian disintegration started in 1991 – joined the ESC in 1993, in the middle of the Bosnian War (1992-1995). Therefore, their joining represented the introduction to the ESC of new Balkan images. By becoming a part of a European festival with a long history as well as a large audience, the joining of these new nations represented also the searching of a path to becoming a part of the European community. After a brief historical synthesis of the ESC and the Yugoslavian participation in the festival (27 participations between 1961 and 1992), the paper analyses the 21 Croatian participations in the same festival between 1993 and 2013, discussing what these participations meant as ways of representing the Croatian nation in a way of integrating it to Europe, as well as in a way of creating a new scope of images about the country to Croats themselves.

Keywords: Eurovision. Popular Music. National images. European integration.



Introdução

A Croácia, juntamente com a Bósnia-Herzegovina e a Eslovênia, foi um dos primeiros países balcânicos a participar do Festival Eurovisão da Canção (Eurovisão) após a desintegração da Iugoslávia, país este que havia sido o único país do leste europeu a ter tomado parte no certame musical europeu até 1992.

A entrada no Eurovisão em 1993 dessas três novas nações balcânicas, oriundas da desintegração iugoslava iniciada em 1991, deu-se em meio à Guerra da Bósnia (1992-1995), e por isso mesmo, representou a introdução de um novo imaginário dos Balcãs dentro desse programa musical de grande audiência e de longa história, de certa maneira procurando aproximar os países nascidos dessa desintegração à comunidade europeia.

Como é de comum conhecimento, com a queda do muro de Berlim em novembro de 1989, várias mudanças começaram a ocorrer nos países do leste europeu, não só no aspecto político-econômico, mas também cultural.

Esse processo de mudanças no leste europeu acelerou-se ainda mais com a dissolução da União Soviética entre 1990 e 1991.

Mas, é mais do que certo, que a reintegração do leste europeu à comunidade europeia como um todo tenha tido seu momento mais doloroso com as várias fases da Guerra Civil Iugoslava (1991-2002).

E foi, justamente, a desintegração iugoslava e o surgimento de novas nações europeias nos Balcãs que levou a União Europeia de Radiodifusão (UER), e por conseguinte o Eurovisão, a passar pelo processo de reestruturação que geraria a integração do leste europeu a partir de 1993.

Neste artigo, após uma breve síntese histórica do Eurovisão como um todo e das participações da Iugoslávia, passaremos a analisar as 21 participações da Croácia entre 1993 e 2013, discutindo o que estas representaram não só como forma de procurar integrar o país na Europa, como também como forma de tentar criar um novo imaginário sobre o país para os próprios croatas.



O festival Eurovisão da canção em poucas palavras

Embora pouco conhecido no Brasil, à exceção de alguns fãs e de alguns pesquisadores, o Eurovisão é um dos programas de televisão mais importantes da Europa e um dos campeões de audiência ainda hoje.

Além disso, segue sendo um dos festivais musicais europeus que melhor representa a música popular europeia e que possibilita aos próprios países europeus conhecer o que se faz em termo de música em outros países europeus (FRICKER; GLUHOVIC, 2013).

É claro que há aqueles que o depreciam, como em qualquer outro evento ligado à cultura popular, mas é impossível ignorar um programa que deu início à carreira de nomes como ABBA ou Celine Dion, ou que teve a participação de nomes como Cliff Richard, Olivia Newton-John, Vicky Leandros, Julio Iglesias, Nana Mouskouri, entre outros, ao se falar de música popular europeia.

Procuraremos primeiramente relatar resumidamente a história do Eurovisão, possibilitando assim uma melhor compreensão ao leitor brasileiro do porquê da importância de a Croácia querer ver-se integrada neste evento.

Em 12 de fevereiro de 1950, foi criada a UER, formada por 23 organizações de radiodifusão da Europa Ocidental, do norte da África, da Turquia e do Líbano. Essa União foi crescendo com o tempo e as várias mudanças históricas que vieram afetando a região de difusão por ela atingida, chegando em 2013 a 74 membros ativos.

Depois de criada, a UER começou a tentar investir na ideia da criação de programas que pudessem ter um caráter mais europeu e menos nacional (BIGNELL; FICKERS, 2008) e numa reunião realizada em Mônaco em janeiro de 1955, por sugestão do então diretor geral da televisão suíça, Marcel Benzençon, foi concebida a ideia de criar um festival de música onde as televisões nacionais pudessem ser representadas e competir entre si.

A ideia de Benzençon vinha de tentar ampliar o formato do italiano Festival de San Remo, organizado pela Rádio e Televisão Italiana (RAI) desde 1951, de forma a possibilitar não só uma maior integração dos países europeus, através da música popular e com fins pacifistas, mas também de contrabalançar a importação de forma ampliada da cultura popular norte-americana



implementada após o final da Segunda Guerra Mundial como parte integrante do Plano Marshall (BISCHOF; STIEFEL, 2009).

Essa ideia veio a ser aprovada numa reunião realizada em Roma no dia 19 de outubro de 1955, quando ficou decidido que o primeiro festival viria a ser realizado na primavera seguinte na Suíça.

Sendo assim, foi realizado em Lugano, no dia 24 de maio de 1956, o primeiro Eurovisão, do qual – por motivos técnicos ligados à transmissão – participaram apenas 7 países (Bélgica, França, Luxemburgo, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda e Suíça).

Por se tratar de um programa inicial e experimental, não haviam ainda muitas regras definidas sobre como se procederia à escolha da canção vencedora, ficando a cargo de dois jurados determinados por cada país darem os seus votos às canções de outros países. Este veio a ser o único ano em que os resultados da votação nunca foram revelados.

Cada país enviou duas canções – o que também só ocorreria neste ano – e dentre as 14 canções que competiram sagrou-se campeã uma das canções suíças.

Já para a próxima edição do Eurovisão, realizada em Frankfurt, no dia 3 de março de 1957, e da qual participaram além dos sete países iniciais outros três (Áustria, Dinamarca e Grã-Bretanha), foram decididas algumas regras que continuam a reger o festival até a atualidade: cada país participaria com apenas uma canção; a canção apresentada não poderia ultrapassar os 3 minutos e meio de duração; e seria introduzido um placar eletrônico de forma a tornar o resultado o mais claro possível.

Com os avanços tecnológicos ao longo dos anos, o número de países tomando parte no evento foi crescendo e o Eurovisão se transformou no festival que melhor representava a música popular europeia durante as décadas de 60 e 70.

Por outro lado, esse mesmo aumento do número de países concorrendo, fez com que a UER fosse tendo que criar novas regras para regular o festival: a regulamentação de em qual idioma as canções deveriam ser apresentadas, regra esta que passou por várias modificações até que em 1999, aboliu-se completamente qualquer exigência referente ao idioma de apresentação, o que só fez aumentar o número de países apresentando-se em inglês; a forma de votação, a qual também passou por inúmeras modificações até que fosse adotada a fórmula atual de 12 pontos



máximos, a qual, com a inclusão parcial da votação do público por telefone – e mais tarde pela internet e através de SMS – foi conservada, passando recentemente os resultados a serem verificados por computador, e; a última regra específica sobre a apresentação de cada país, estabelecida em 1989, a de que o intérprete da canção teria que ter mais de 16 anos.

A partir da década de 80, o Eurovisão já não representava mais propriamente a música popular europeia, mas continuava a ser o campeão absoluto de audiência anual da televisão europeia.

Com a queda do muro de Berlim e as mudanças que esse fato veio a acarretar para a Europa como um todo, o festival viu-se inflar com a participação cada vez maior dos países do leste europeu, sobretudo depois da integração da antiga Organização Internacional de Rádio e Televisão (OIRT) – organização de radiodifusão que reunia os países do leste europeu e a Finlândia – a partir do dia 1 de janeiro de 1993.

Foi, assim, em consequência desse fato, que a edição do Eurovisão de 1993, realizada em Millstreet, Irlanda, no dia 15 de maio, contou com a participação de três novos países: Bósnia-Herzegovina, Croácia e Eslovênia.

Julgando que seria impossível, devido ao formato de transmissão ao vivo e via satélite para todos os países participantes, ter mais do que 25 países participando, a UER optou – pela primeira vez – por uma semifinal com a participação dos novos membros do leste europeu que tivessem interesse em integrar a edição de 1993.

No ano 2000, uma nova modificação foi introduzida no formato do festival: os quatro países que mais contribuíam – e seguem contribuindo – para o orçamento da realização do programa (Alemanha, Espanha, França e Grã-Bretanha) não necessitariam participar de nenhuma pré-seleção, ainda que o seu resultado na edição anterior tivesse sido desfavorável. Essa é uma regra que continua a gerar polêmica, ainda mais depois que visando a volta da Itália (ausente desde 1997) ao festival, a UER aceitou, em 2011, o país dentro desse mesmo procedimento, fazendo assim com que de quatro passassem a ser cinco os países que participam diretamente da final do festival.

Em 2004, considerando o aumento do número dos países desejando participar do evento, foi decidido que seriam transmitidos dois programas: uma semifinal e uma final, tomando parte



na final os quatro países pré-determinados segundo a regra acima descrita, os dez primeiros colocados na edição anterior e os dez primeiros colocados na semifinal.

Com o grande número de países tomando parte na edição de 2007 (42 países, sendo que 28 deles tendo que participar da semifinal), o que gerou grande discussão em torno dos resultados, a UER decidiu a partir de 2008 transmitir três programas: duas semifinais e uma final, da qual participariam os quatro (posteriormente com a Itália, cinco) países com direito pré-determinado, o campeão da edição anterior e os dez primeiros colocados de cada semifinal.

Além disso, depois de vários anos em que foi usado apenas o voto do público, a partir da edição de 2009 voltou-se a optar pela introdução do voto de um júri, sendo que 50% da votação ficando a cargo do júri estipulado por cada país e 50% a cargo do voto do público de cada país.

Esse segue sendo o formato utilizado para o Eurovisão na atualidade, e ainda que todos os anos hajam muitas críticas, que todos os anos hajam polêmicas, e mesmo com a crise econômica afetando a Europa – que acabou por fazer com que alguns países optassem por não participar em 2013 e mais alguns em 2014 – o festival continua a obter picos de audiência e a reunir a Europa (em 2013 foram 39 países participando) pelo menos uma vez por ano.

A Iugoslávia no Eurovisão¹

A Iugoslávia foi o único país socialista do leste europeu a tomar parte no Eurovisão durante os anos da Guerra Fria, refletindo mais uma vez a posição única ocupada pelo país durante o período (VULETIC, 2007).

A tomada de posição da Iugoslávia como país não alinhado e com uma política diplomática independente da União Soviética contribuiu também no âmbito cultural, fazendo

¹ Nossa análise aqui relaciona-se, além da bibliografia citada, com as entrevistas realizadas durante nossa estadia em Zagreb, entre 10 de maio e 1 de junho de 2013, com a pesquisadora Irena Miholić, do Instituto de Etnologia e Pesquisas Folclóricas, e o compositor Zrinko Tutić, um dos maiores nomes da música popular croata, bem como de várias conversas com o pesquisador – e amigo – Dalibor Davidović. Sem eles, esse artigo não seria possível e, por isso, gostaria de expressar aqui minha gratidão a eles e também aos estudantes croatas com os quais pude trocar ideias durante minha estadia na Croácia, bem como também a todos os que me ajudaram com minha investigação na Sociedade dos Autores e Compositores Croatas, na Rádio e Televisão Croata (HRT) e, também ao compositor Ivan Mikulić.



com que existisse no país maior liberdade de penetração dos estilos musicais originados no ocidente do que nos outros países do leste europeu (LOCKARD, 1998).

Sendo assim, não é de surpreender-se que o país socialista e multicultural tenha decidido participar no Eurovisão a partir de 1961.

No entanto, desde sua primeira participação, a Iugoslávia teve que enfrentar a dificuldade de como expressar a sua identidade única, enquanto país socialista, do leste europeu, composto por várias nacionalidades e com uma política de país não alinhado, dentro de um certame dominado por países da Europa Ocidental.

O que o país procurou fazer foi mostrar uma imagem que coadunasse aspectos tradicionais e modernos das suas várias nacionalidades dentro de um formato musical que pudesse ser apreciado por uma audiência massivamente ocidental e capitalista.

Devido ao fato de a Iugoslávia não ter se fechado para o desenvolvimento dos gêneros de música popular provenientes do ocidente, quando o país decidiu participar do festival europeu já possuía um cenário de música popular estabelecido e vibrante, o qual englobava tanto a riqueza da música tradicional dos Balcãs, como aspectos oriundos de influências ocidentais (VULETIC, 2007).

Por outro lado, desde que as primeiras experiências com teledifusão haviam sido feitas pela TV Zagreb, em 1956, pouco a pouco a tecnologia da televisão se espalhou pelo país, possibilitando a criação de uma rede de transmissão nacional em 1958: a Rádio e Televisão Iugoslava (JRT), a qual afiliou-se à UER no ano seguinte, o que possibilitou ao país ingressar no Eurovisão em 1961.

Antes de seguirmos comentando sobre a participação iugoslava no Eurovisão, é importante comentar sobre como eram escolhidas internamente as canções que iriam representar o país no festival europeu, já que a grande maioria das vezes o país foi representado por uma canção de origem croata (KARAN, 2005).

A Iugoslávia participou do Eurovisão 27 vezes, entre 1961 e 1992, embora nesse último ano o nome Iugoslávia já representasse apenas a federação entre a Sérvia e o Montenegro e uma parte da Bósnia-Herzegovina, e o país estivesse em pleno processo de desintegração.



O processo organizado pela JRT para a seleção nacional chamava-se *Jugovizija* e consistia na competição entre as canções apresentadas respectivamente por cada um dos membros que compunham a federação iugoslava, escolhidos pelo seu respectivo canal de televisão, ou seja, um representante de cada nacionalidade que compunha a nação iugoslava como um todo: RTV Sarajevo (Bósnia-Herzegovina); RTV Zagreb (Croácia); RTV Ljubljana (Eslovênia); RTV Skopje (Macedônia); RTV Titograd (Montenegro) e RTV Belgrado (Sérvia), bem como os canais de televisão das províncias autônomas (RTV Pristina, do Kosovo, e RTV Novi Sad, da Voivodina).

O representante croata ganhou a seleção nacional 13 das 26 vezes em que a Croácia participou, daí a importância de nos referirmos à participação iugoslava nesse artigo.

Em 1961, o país estreava representado por Ljiljana Petrović (Sérvia)², que terminou obtendo a oitava posição entre os 16 países participantes.

No ano seguinte, a Iugoslávia foi representada por Lola Novaković (Sérvia), que obteve a quarta posição entre os 16 países participantes, o que chegou a ser considerado como uma prova de que a música popular iugoslava podia ser considerada como dentro dos mesmos padrões de sucesso da Europa Ocidental. (VULETIC, 2007, p. 88) A canção iugoslava chegou mesmo a ser considerada a contribuição mais original do ano por alguns críticos (GAMBACCINI et al., 1998, p. 27).

A Iugoslávia continuou participando do Eurovisão ininterruptamente até 1976, enviando sempre alguns dos seus melhores cantores, mas quase sempre terminando na parte inferior do placar eletrônico, à exceção de quatro representantes: Berta Ambrož (Eslovênia), em 1966 (sétima posição); Lado Leskovar (Eslovênia), em 1967 (oitava posição); o grupo Dubrovački Trubaduri (Croácia), em 1968 (sétima posição), e; Tereza Kesovija (Croácia), em 1972 (nona posição).

O país esteve ausente do Eurovisão entre 1977 e 1980, a JRT considerando que após vários resultados negativos a melhor solução era mesmo deixar de participar do evento.

² Ao comentarmos as participações iugoslavas de cada ano, colocaremos entre parênteses o nome da unidade da federação iugoslava de origem do representante. Assim, cremos que se fará mais clara a conexão com a análise posterior das participações croatas, objetivo central desse artigo.



No entanto, essa decisão da JRT levou a protestos dentro da Iugoslávia, sobretudo da parte da indústria fonográfica, a qual via no Eurovisão uma grande oportunidade de divulgar a música do país em outros países europeus e de aumentar as suas vendas, o que levaria a que o país voltasse a participar do evento em 1981 (VULETIC, 2007, p. 91).

Ao voltar para o Eurovisão em 1981, a Iugoslávia passou pela sua década mais profícua no festival europeu, década esta que terminaria com a vitória do país em 1989 e a realização do Eurovisão de 1990 em Zagreb.

Foi a década também que começou para o país com a morte do Marechal Tito no dia 4 de maio de 1980, fato que representava a passagem do poder para uma outra geração de líderes iugoslavos, mas que também influenciaria os movimentos dentro dos vários membros da federação rumo a maiores liberdades políticas e econômicas (VULETIC, 2007, p. 92).

Embora os resultados do país na Eurovisão em 1981 e 1982 não tenham sido muito diferentes dos obtidos nos anos 70, em 1983 a Iugoslávia voltou a atingir a quarta posição, e dessa vez entre 20 países participantes com Daniel Popović (Montenegro).

A canção interpretada por Daniel, *Džuli*, foi um grande sucesso de vendas por toda a Europa, e a sua versão em inglês chegou a vender mais de 30000 cópias (VULETIC, 2007, p. 92).

Faz-se aqui necessário ressaltar que a carreira de Daniel estava concentrada em solo croata, embora ele fosse montenegrino, o que era mais do que compreensível, visto que a Croácia (sobretudo Zagreb) sempre se constituiu no centro por excelência de produção da música pop iugoslava, enquanto na Sérvia e na Bósnia-Herzegovina as produtoras fonográficas concentravam sua produção na música de fundo folclórico (VULETIC, 2007, p. 92).

Por isso, não é de se estranhar que todos os representantes iugoslavos no Eurovisão entre 1983 e 1990 tenham saído da TV Zagreb, mesmo que alguns deles não fossem croatas de origem (VULETIC, 2007, p. 92).

Mas, voltando ao sucesso de Daniel em 1983, podemos dizer que com este foi encontrado pela Iugoslávia uma *fórmula* de sucesso no Eurovisão: uma mistura de rock com pop, deixando de lado as influências do folclore balcânico. (O'CONNOR, 2004, p. 94) (VULETIC, 2007, p. 93)



E foi esse mesmo tipo de pop balcânico que trouxe para o país outras boas colocações nesta década: novamente a quarta posição, agora entre 22 países, com o conjunto Novi Fosili (Croácia), em 1987; sexta posição entre 21 países com o conjunto Srebrna Krila (Croácia), em 1988; a vitória em 1989, entre 22 países, com o conjunto Riva (Croácia), e; a sétima posição entre 22 países, quando o festival se realizou em Zagreb, com Tajči (Croácia).

Em 1985 a Iugoslávia não participou do Eurovisão porque o festival iria ser realizado no dia do aniversário de morte do Marechal Tito.

A realização do Eurovisão em Zagreb em 1990 representou que a Iugoslávia era capaz de realizar um evento de proporções imensas e nos moldes da Europa Ocidental, além de ter sido este o primeiro Eurovisão a ter sido transmitido diretamente para os países do leste europeu, incluindo a União Soviética.

Infelizmente, quando o evento de 1990 terminava, começavam internamente as demandas por parte de algumas unidades da federação – especialmente a Croácia e a Eslovênia – por reformas político-econômicas que aproximassem efetivamente o país da Europa Ocidental, ao mesmo tempo que aumentava na Sérvia um nacionalismo exacerbado e conservador, centrado na pessoa do presidente Slobodan Milošević.

Sendo assim, e com o desenrolar dos acontecimentos na Croácia e na Eslovênia entre 1990 e 1991, não é de se estranhar que a seletiva nacional realizada em Sarajevo tenha refletido as fricções que afetavam a federação iugoslava quando Baby Doll (Sérvia), a candidata da TV Belgrado, foi declarada a vencedora com a canção “Brasil”, uma das piores que já passou pelo Eurovisão.

Imediatamente a Rádio e Televisão Croatas (HRT) declarou que o resultado havia sido politicamente motivado e acusou os canais de televisão da Sérvia e dos seus aliados (Montenegro, Kosovo e Voivodina) de terem unido suas forças para derrotar o candidato favorito, Daniel Popović (Croácia) (VULETIC, 2007, p. 95).

Em 1992, quando a guerra civil já se expandira por toda a Iugoslávia foi realizada uma seletiva nacional, para a qual nem a Croácia nem a Eslovênia não enviaram candidatos, e na qual devido às tensões já avançadas entre albaneses e sérvios no Kosovo, também não participou nenhum candidato deste membro da federação, onde consagrou-se Extra Nena (Sérvia), cuja



interpretação sensual no Eurovisão não atraiu muitos votos, levando a que o país não conseguisse mais do que a décima-terceira posição, entre 23 países, na sua última participação no festival europeu.

A Croácia no Eurovisão

A Croácia, enquanto país independente chegou ao Eurovisão em 1993, e continuaria nele tomando parte ininterruptamente até 2013, num total de 21 participações.

Passaremos aqui a analisar essas participações da Croácia, discutindo o que representaram não só como forma de procurar integrar o país na Europa, como também como forma de tentar criar um novo imaginário sobre o país para os próprios croatas.

Nossa análise estará baseada, mais do que em qualquer bibliografia, numa análise das imagens apresentadas nessas participações, nas letras das canções apresentadas e também nas entrevistas realizadas em maio de 2012 em Zagreb.³

Antes de qualquer coisa, é importante ressaltar que todas as participações entre 1993 e 2010 foram selecionadas através da realização de um festival musical conhecido como *Dora*.

A primeira canção a representar a Croácia no Eurovisão – *Don't Ever Cry* (que apesar do título foi interpretada em croata, com exceção do refrão e do verso final) – interpretada pelo grupo Put falava de um jovem, Ivan, que havia morrido na guerra, e clamava pela paz, terminando justamente com o verso em inglês “Don't ever cry, my Croatian sky”, num dos raros exemplos de patriotismo em letras de canções apresentadas durante a história do festival.

Infelizmente, o apelo de paz croata não parece ter convencido muito os júris dos outros países, já que a canção não conseguiu mais do que o décimo-quinto lugar entre os 25 países participantes.

No ano seguinte o vencedor da seleção interna croata foi o cantor pop Tony Cetinski – hoje um dos nomes mais consagrados da música popular croata – com a canção *Nek' ti bude ljubav sva*, uma canção romântica muito bem interpretada, mas que não conseguiu mais do que o décimo-sexto lugar entre os 25 países participantes.

³ Também contribuiu para nossa análise o documentário *The Secret History of Eurovision* (OLIVER; CRAIG, 2011).



Com esses dois primeiros resultados, parecia que a Croácia estava fadada a ser um país para ficar sempre na parte inferior do placar eletrônico, e que o pop croata não conseguiria ajudar muito à integração do país dentro da cultura popular da Europa Ocidental.

Mas, essa imagem iria mudar em 1995 e – à exceção de 1997 – até 2001, a Croácia estaria entre os dez países melhores colocados no Eurovisão.

A participação de compositores como Tonči Huljić, Zrinko Tutić, Petar Grašo e Zdenko Runjić – todos eles com larga experiência na música popular croata não só como compositores, mas também como cantores – contribuiu para a criação de um padrão de música pop croata para representar o país no festival, padrão este que envolvia aspectos musicais balcânicos – sem serem folclóricos – com uma exploração sentimental da língua croata em toda a sua musicalidade, mas procurando criar algo universal que pudesse agradar ao público de países de outras regiões do continente europeu.

E foi esse tipo de canção croata que levou o país ao sucesso no Eurovisão, um sucesso que na verdade só começou a ser perdido completamente em 2008, em grande parte por causa da forma como a HRT passou a conduzir a seleção interna.

Em 1995, o país foi representado no Eurovisão pelo grupo Magazin – grupo liderado pelo compositor Tonči Huljić e tendo na época como vocalista a cantora Danijela Martinović – acompanhado da soprano Lidija Horvat-Dunjko com a canção *Nostalgija*, uma canção que misturava elementos musicais balcânicos com música popular e também música clássica e que falava de uma conexão entre música e o sentimento de nostalgia. A canção foi extremamente bem interpretada, sobretudo vocalmente, e deu ao país a sexta posição entre os 23 países participantes.

No ano seguinte, o país foi representado pela cantora Maja Blagdan com a canção *Sveta ljubav*, de autoria de Zrinko Tutić, uma canção que novamente misturava elementos balcânicos com música popular. Esta canção deu ao país a primeira das suas melhores colocações até o momento: o quarto lugar entre os 23 países participantes. Foi, novamente, uma canção muito bem interpretada vocalmente.

Em 1997, o país foi representado pela *girl band* ENI, com uma canção completamente dentro dos padrões pop ocidentais, sem qualquer característica balcânica, e provavelmente por isso o resultado alcançado tenha sido o pior dos anos 90 para a Croácia.



Talvez em vista do resultado negativo obtido no ano anterior, em 1998 a seleção nacional voltou a ser ganha por uma canção que misturava elementos balcânicos com a música popular ocidental: *Neka mi ne svane*, composta por Peter Grašo juntamente com Remi Kazinotti e Stjepan Kalogjera, que é para nós a melhor canção que o país já enviou para representá-lo no Eurovisão até o presente momento.

Esta canção romântica foi magistralmente interpretada por Danijela Martinović, não só vocalmente, mas também usando do artifício visual de iniciar a sua interpretação coberta por uma capa completamente preta e soltá-la no apogeu da canção – a repetição do refrão – revelando um vestido branco clássico. Esse momento da interpretação foi ovacionado pelo público presente. Não é de surpreender que a canção tenha alcançado o quinto lugar entre os 25 países participantes.

Em 1999, o país novamente alcançou com a canção *Marija Magdalena*, novamente uma canção de autoria de Tonči Huljić, interpretada magistralmente por Doris Dragović, seu melhor resultado até o presente momento no Eurovisão: a quarta posição entre os 23 países participantes. Esta canção mais uma vez soube misturar bem os elementos balcânicos com a música popular ocidental, acrescentando uma apresentação visual marcante, visto que na segunda parte da canção, a intérprete tirava a capa branca que cobria seu corpo para revelar um audacioso corpete também branco.

No primeiro ano do novo milênio, o país foi representado por Goran Karan, com mais uma canção romântica que misturava elementos balcânicos e música popular ocidental. Desta vez o país ficou com a nona posição entre os 24 países participantes.

Em 2001, o país seria representado pela primeira vez por uma canção interpretada completamente em língua inglesa, ainda que na seleção nacional tivesse sido interpretada na língua croata, embora ainda fosse uma balada romântica com elementos balcânicos misturados a características da música pop ocidental e composta novamente por Tonči Huljić. A canção foi interpretada pela cantora Vanna e ficou com a décima posição entre os 23 países participantes.

Os resultados croatas no Eurovisão começaram a piorar a partir de 2002, e a partir de então até 2013, a Croácia não conseguiu mais ficar entre os 10 países melhores classificados no festival europeu.



No que se refere ao período que compreende de 2002 a 2009, acreditamos que três tenham sido as principais causas para que bons resultados não viessem a ser alcançados: o cansaço do padrão de representar-se com uma canção, na maioria das vezes uma balada romântica, composta procurando misturar elementos balcânicos e a música popular ocidental; o uso cada vez mais frequente da língua inglesa na interpretação das canções, e; o descaso pouco a pouco crescente da HRT em relação à organização do processo de seleção nacional.⁴

Esse período de piores resultados para o país no Eurovisão iniciou-se em 2002 com a participação da cantora Vesna Pisarović, cantando em inglês e dançando numa performance sensual, com uma canção fugindo a qualquer influência balcânica.

No ano seguinte, representado por uma canção interpretada por Claudia Beni, acompanhada por cinco cantores, todos os seis com uma coreografia muito bem ensaiada, algum toque de sensualidade e cantando utilizando conjuntamente as duas línguas (o croata e o inglês), mas sem nenhum toque balcânico, o país não conseguiu alcançar mais do que a décima-quinta posição entre os 26 países participantes.

Em 2004, a Croácia foi representada por Ivan Mikulić com a canção *You are the only one*.⁵ Novamente tratava-se de uma balada romântica combinando elementos balcânicos e música pop ocidental, composta pelo próprio intérprete, mas que não havia sido criada especificamente pensando nem na seleção nacional nem no Eurovisão. O compositor e intérprete expressou sua preferência pela versão original apresentada na seleção nacional em língua croata, mas, novamente por decisão do voto do público, a canção veio a ser interpretada no Eurovisão em língua inglesa.

A interpretação de Ivan Mikulić levou o país para a final, onde conseguiu a décima-segunda posição entre os 24 países participantes, mas o resultado poderia ter sido melhor se a canção tivesse sido interpretada em língua croata, já que a partir da introdução das semifinais intensificou-se ainda mais a tendência de muitos países fazerem-se representar por canções de caráter nitidamente étnicas.

⁴ Este último fator foi comentado incisivamente por Zrinko Tutić na entrevista por nós realizada.

⁵ A maioria de nossas afirmações aqui estão relacionadas diretamente com a entrevista realizada com o cantor e compositor.



No caso croata a volta às canções de caráter étnico pôde nitidamente ser sentida nos anos seguintes, à exceção de 2007 e de 2011, por vezes pelo caráter folclórico das canções selecionadas para representar o país (2005, 2006, 2008 e 2013) ou apenas pela escolha da língua croata para interpretar a canção (2009, 2010, 2012, e nesse caso, também o roque escolhido para representar o país em 2007).

Mas, no caso croata, os resultados alcançados não foram dos melhores: décimo-primeiro entre os 24 países participando da final (2005); décimo-segundo entre os 24 países participantes (2006); vigésimo-primeiro entre os 25 países participantes (2008), e; décimo-oitavo entre os 25 países participantes (2009), além de não ter conseguido chegar à final nem em 2007, nem a partir de 2010.

Acreditamos que isso se deva a três motivos principais: a concorrência oferecida por uma música étnica mais específica e, visualmente, melhor mostrada, interpretada por dois outros países balcânicos (Sérvia e Bósnia-Herzegovina); a falta de uma votação mais numerosa favorecendo a Croácia quer seja do ponto de vista do voto da diáspora (que favorece em muito outros países, como Turquia, Grécia, Sérvia, Ucrânia, Armênia e Bósnia-Herzegovina), quer seja do ponto de vista regional (onde a Sérvia e a Bósnia-Herzegovina sempre parecem ser as mais beneficiadas), e; a falta de um apelo popular mais impactante no caso da apresentação visual das canções.

A canção croata de 2005, foi bastante folclórica, não só por conter muitos elementos balcânicos do ponto de vista musical, mas também pela participação de alguns membros do grupo folclórico Lado nos vocais, acompanhando Boris Novković, mas também pela apresentação visual com vestuário folclórico. A canção criou um conjunto visual marcante sobretudo pelo uso dos membros do grupo Lado repetindo o coro composto pela expressão “dunavom” (Danúbio abaixo) e algumas acrobacias executadas por outro membro do mesmo grupo, responsável também pela percussão.

A canção que representou o país em 2006 também foi bastante folclórica, embora dentro do gênero típico dos Balcãs conhecido como *turbo folk*, com a cantora Severina executando uma coreografia folclórica acompanhada de dançarinos vestidos com roupas folclóricas. Foi uma representação marcada mais pelo contexto visual do que pela interpretação vocal, com uma letra



marcada por onomatopéias e sobre uma jovem e seu contato com rapazes através do telefone e do computador.

Em 2007, o país foi representado no Eurovisão por uma canção de roque, cantada em língua croata, contendo apenas algumas palavras em língua inglesa, não tendo conseguido passar à final.

Em 2008, o país optou novamente por ser representado por uma canção misturando elementos balcânicos com música popular ocidental, incluindo mesmo alguns versos declamados quase que formando um rap, interpretada em língua croata pela banda Kraljevi Ulice, famosa por tocar pelas ruas de Zagreb, acompanhada de 75 Cents (nome artístico de Ladislav Demeterffy) – um *rapper* de 75 anos – e pela bailarina Mia Lisak. Apesar de a canção chegar à final, o resultado foi até aquele momento o pior que o país havia tido numa final do Eurovisão.

Em 2009, a Croácia voltou a ser representada por uma canção composta por Tonči Huljić nos mesmos moldes de seus antigos sucessos, ou seja, misturando características típicas de uma balada romântica balcânica com algum toque de música pop ocidental. Mesmo assim, e mesmo tendo sido muito bem interpretada por Igor Cukrov, acompanhado por Andrea Šušnjara e um coral, a canção só alcançou a final através de um dispositivo existente à época que permitia aos jurados selecionarem uma das canções de cada semifinal que não tivessem ficado entre as dez mais votadas pelo público, se assim o considerassem melhor do ponto de vista da qualidade musical.

Entre 2010 e 2013, a Croácia não conseguiu passar para a final do Eurovisão.

A partir dessa parte de nosso artigo, iremos acompanhar esse percurso e tentar descobrir o porquê.

2010 foi o último ano em que a seleção nacional croata, o *Dora*, foi realizada nos moldes tradicionais. Sagrou-se vencedora para representar o país no Eurovisão a canção *Lako je sve*, interpretada em croata pela *girl band* Feminnem.

Apesar de ser mais uma vez uma balada romântica com toques balcânicos misturados a toques da música popular ocidental, a canção não conseguiu chegar à final do Eurovisão, o que se deve em grande parte à falta de apelo popular, sobretudo do ponto de vista visual, da forma como a canção foi apresentada na semifinal.



Diante deste resultado, a HRT resolveu renovar a forma de efetuar a seleção nacional do ano seguinte.

Sendo assim, foi realizado um programa de caça-talentos, do tipo *American Idol*, iniciando com 24 candidatos – entre profissionais e amadores – previamente selecionados pela HRT, os quais foram divididos em dois grupos de 12. Foram realizadas, então duas pré-eliminatórias – uma para cada grupo – de onde saíram 12 candidatos, 6 de cada grupo, para a fase seguinte. Uma eliminatória foi realizada com esses 12 candidatos, classificando-se 6 para a fase seguinte. Na eliminatória seguinte foram eliminados 2 candidatos. Depois disso, foram realizadas mais duas eliminatórias, sendo eliminado um candidato em cada uma delas. Desta forma, chegaram aos dois programas finais apenas dois finalistas, que competiram entre si, só que, então, interpretando cada um deles 3 canções encomendadas a compositores croatas e selecionadas pela HRT. Na final realizada no dia 05 de março de 2011, sagrou-se campeã a novata Daria Kinzer com uma canção composta por Boris Đurđević.

Para apresentar-se no Eurovisão, a canção passou a ter uma versão em inglês com o título de *Celebrate*, adaptada ao gênero *dance*, mas bastante datada, com uma letra bem batida e sem expressividade. Com esse formato não é de surpreender a Croácia não ter novamente chegado à final.

Com esse resultado, acrescido da crise econômica afetando toda a Europa e que acabou por atingir também a Croácia, a HRT resolveu abandonar definitivamente o processo de seleção nacional e, pela primeira vez desde que começara a participar do Eurovisão, realizou uma seleção interna, escolhendo Nina Badrić para representar o país em 2012, deixando a cargo dela todo o processo de escolha da canção.

Nina Badrić, uma das cantoras croatas pop de maior sucesso, representou o país com uma balada romântica tipicamente balcânica composta por ela mesma. A canção *Nebo* é uma linda balada, mas é também uma canção sem qualquer apelo popular específico e, por isso mesmo, não é o tipo de balada mais indicada para o Eurovisão.

Além disso, 2012 foi um ano com muitas baladas, inclusive dos outros países balcânicos, e com uma apresentação visual muito fraca – apesar de acompanhada de dois bailarinos e de um coral – Nina Badrić também não conseguiu levar a Croácia à final.



Em 2013, a HRT também decidiu-se por uma seleção interna, mas de uma forma diferente da do ano anterior.

Foi decidido que o país seria representado por uma canção do gênero *klapa* – um gênero musical a capella, tradicional da Dalmácia, cantado por homens, que acabara de ter sido reconhecido como um dos patrimônios imateriais da humanidade pela Unesco em 2012 – e que a própria HRT iria formar um grupo *klapa* e encomendar uma canção do gênero especialmente composta para o fim de representar a Croácia no Eurovisão.

Foram selecionados, então, seis membros, um de cada grupo de *klapa* já existente, para formar o Klapa s Mora, com a canção interpretada pelo grupo, *Mižerija*, tendo ficado a cargo de Goran Topolovac.

O grupo apresentou-se com uma interpretação vocal magistral, mas mesmo assim, a Croácia novamente não conseguiu passar para a final do Eurovisão.

O que mais afetou o resultado final da atuação do Klapa s Mora foi a falta de apelo visual, um fator que afeta cada vez mais a conquista de melhores posições no festival.

Conclusão

No dia 19 de setembro de 2013, alegando os efeitos da crise financeira europeia, a HRT anunciou que não estará participando no Eurovisão de 2014.

Essa será a primeira vez que a Croácia vai estar ausente do Eurovisão desde que começou a participar em 1993.

É óbvio que a decisão da HRT não foi influenciada apenas pela crise financeira, mas também pelos maus resultados alcançados pelo país no festival europeu nos últimos sete anos, principalmente com a não classificação para a final por quatro anos seguidos.

Como viemos acompanhando até aqui, a representação croata passou por altos e baixos, mas quase sempre foi responsável por dar ao Eurovisão algumas das mais lindas baladas balcânicas.



Além disso, foi a Croácia que abriu caminho a outros países do leste europeu que começaram a participar do Eurovisão posteriormente para que conseguissem obter bons resultados fazendo-se representar com baladas de características especificamente étnicas.

Pode-se dizer também ter sido a Croácia que soube melhor prosseguir com a história iugoslava no Eurovisão.

A Croácia procurou quase sempre mostrar-se como um país de raízes musicais fortemente arraigadas aos elementos musicais balcânicos, mas ao mesmo tempo procurando projetar-se como um país próximo também da música música popular ocidental europeia.

Esperamos que ter podido mostrar aqui um pouco do que representou a participação croata no Eurovisão e também do que isso representou para o festival como um todo e para os croatas, como uma forma de ver-se integrados na Europa.

Referências

BARCLAY, Simon. **The complete and independent guide to the eurovision song contest**. London: Silverthorn Press, 2008.

BIGNELL, Jonathan; FICKERS, Andreas (Ed.). **A European television history**. Oxford: Blackweel Publishing, 2008.

BISCHOF, Günther; STIEFEL, Dieter (Ed.). **Images of the marshall plan in Europe: films, photographs, exhibits, posters**. Innsbruck: Studien Verlag, 2009.

FEDDERSEN, Jan. **Wunder gibt es immer wieder: das große buch zum eurovision song contest**. Berlin: Aufbau Taschenbuch, 2010.

FRICKER, Karen; GLUHOVIC, Milija (Ed.). **Performing the 'New' Europe: identities, feelings, and politics in the eurovision song contest**. Basingstoke, Hampshire: Palgrave MacMillan, 2013.

GAMBACCINI, Paul et. al. **The complete eurovision song contest companion**. London: Pavilion Books, 1998.

KARAN, Momčilo. **Pesma evrovizije**. Beograd: Svet Knjige, 2005.

LOCKARD, Craig A. **Dance of life: popular music and politics in southeast Asia**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 1998.

MILLER, Frederic P.; VANDOME, Agnes F.; MCBREWSTER, John (Ed.). **Eurovision song contest**. Mauritius: Alphascript Publishing, 2009.

NEVES, Mauro. 50 anos de Eurovisão: a Espanha e o que mudou no seu relacionamento com o festival Eurovisão da canção. **Sophia Journal of European Studies**, Tokyo, v. 3, p. 29-60, 2010.



NEVES, Mauro. O fracasso português: Por que Portugal nunca conseguiu vencer o Eurovisão?. **Bulletin of the Faculty of Foreign Studies**, Tokyo, n. 46, p. 91-128, 2011.

NEVES, Mauro. Yuurovijon kara mita Youroppa (A Europa vista a partir do Eurovisão). In: **Youroppa kenkyuu no susume** (Introdução aos Estudos Europeus). Tokyo: Sophia University, 2012. p. 190-203.

O'CONNOR, John Kennedy. **Eurovision song contest: le livre official des 50 ans**. Paris: Maxi-Livres, 2005.

OLIVER, Stephen; CRAIG, Phil. The secret history of eurovision. Austrália: Brook Lapping Productions & Eletric Pictures, 2011.

RAYKOFF, Ivan; TOBIN, Robert Deam (Ed.). **A song for Europe: popular music and politics in the eurovision song contest**. Aldershot, Hampshire: Ashgate, 2007.

ROBERTS, Andy. **Flying the flag: the United Kingdom in eurovision: a celebration and contemplation**. London: Author House, 2009.

VULETIC, Dean. The socialist star: Yugoslavia, Cold War politics and the Eurovision Song Contest. In: RAYKOFF, Ivan; TOBIN, Robert Deam (Ed.). **A song for Europe: popular music and politics in the eurovision song contest**. Aldershot, Hampshire: Ashgate, 2007. p. 83-97.

WOLTHER, Irving. **Kampy der kulturen: der eurovision song contest als mittel national-kultureller repräsentation**. Würzburg: Verlag, 2006.

Mauro Neves – Universidade Sophia. Faculdade de Estudos Estrangeiros. Shinjuku-Ku | Tokyo | Japão. Contato: n-mauro@sophia.ac.jp

Artigo recebido em fevereiro de 2014 e
aprovado em maio 2014.